

# O RATINHO E OS LEOPARDOS

Por Raquel Salema

O *Os leopardos de Kafka* não é um mero romance. Mais do que isso, essa simples história – apesar do complexo título – é uma narrativa gostosa de ler e que desperta curiosidade no leitor até a última página do livro.

Não que o gênero romance seja considerado algo desprezível, mas quem espera encontrar uma tórrida história de amor entre o rapaz e a mocinha que no final vivem felizes para sempre, sem dúvida se frustra.

A realidade é que Moacyr Scliar, médico por formação, mas escritor por vocação, tarimbado em escrever histórias sobre a cultura judaica, consegue colocar Marx, Kafka e Trotski como meros mortais – que o eram – apesar de seus papéis importantes no mundo, cada qual na sua área. Kafka, o nobre escritor com trajetória desconhecida até sua morte é homenageado do título até as páginas finais. Teve seus textos divulgados pelo amigo Max Brod quando lhes entregou antes de morrer para queimá-los. O amigo, ao ver a riqueza dos textos, os passou adiante, trazendo a luz o até então desconhecido Kafka. O livro, aparentemente uma história de trapalhadas, mas muito bem narrada, tem como protagonista Benjamin Kantarovitch, alfaiate com uma vida sem muitas aventuras, mas que, como a própria história diz: “Nessa existência melancólica houve, contudo, uma singular aventura”.

E qual seria essa singular aventura? Benjamin, apelidado Ratinho, por sua aparência, era um “judeuzinho”, como o próprio autor intitula o personagem, da insignificante aldeia de Chernovitzky, disputada pela Rússia e Romênia.



Os LEOPARDOS DE KAFKA  
Autor: Moacyr Scliar  
Companhia das Letras, 128 páginas

De repente se vê com uma missão em Praga, cidade grande e cheia de empecilhos para o frágil Ratinho chegar ao seu alvo.

E na busca por esse objetivo conhece Kafka e ouve falar de Freud e Trotski. Este último, venerado por Ratinho, comunista convicto. Moacyr apresenta esses três ilustres ao leitor como cidadãos comuns, tratando-os geralmente como “um tal de”.

Toda essa história se passa em 1916, tendo como pano de fundo a Guerra e seus reflexos. Sempre abordando as lutas progressistas X reacionários e burgueses X marxistas, a história termina no Golpe de 64 de Getúlio, após uma reviravolta na narrativa do livro.

O interessante do livro é que não tem prefácio e a história começa em primeira pessoa, com outro narrador – no caso o sobrinho-neto do personagem principal – contando sua história. Mas quando menos se espera a narrativa já está em terceira pessoa.

Alternando dados reais e fictícios, Moacyr consegue fazer uma mistura de linguagem fácil e temas significantes como o comunismo, o judaísmo e a Revolução Russa.

Assim, Moacyr Scliar, que teve seus livros traduzidos em várias línguas conta a história do ratinho que conviveu com leopardos, mesmo que só por alguns dias. Além de escritor e médico, era colunista da *Folha de S Paulo*.

Sua literatura suave e marcante lhe rendeu alguns prêmios, o mais recente, o Prêmio Jabuti 2009 pelo *Manual da Paixão Solitária* e recebeu a 31ª cadeira da Academia Brasileira de Letras em 2003. Sem dúvida um excelente escritor que deixou em palavras ótimas lições. Deixará saudade.

## WELL, IT'S TRUE THAT I LOVE THE WHITE STRIPES

Por Victor de Andrade Lopes

O ano de 2011 começou com uma triste notícia no mundo musical: o fim da banda estadunidense The White Stripes, formada por Jack White (guitarra, violão, voz, piano) e Meg White (bateria). Conheci a dupla há não muito tempo atrás, pouco depois do lançamento de *Get Behind Me Satan*, o penúltimo álbum deles, e o primeiro que ouvi. No momento em que escutei os primeiros acordes, percebi a originalidade do som e tornei-me um admirador. Claro que sempre existe alguém para apontar o dedo para os dois e dizer “esse cara não sabe cantar, esses riffs são muito fáceis, quase não há solos, onde está o baixo, que linha de bateria é essa que até uma criança faz, etc”. Ora, quem quiser ouvir músicas complexas, que vá ouvir Dream Theater, Chopin e afins! (Nota: gosto tanto de Dream Theater e Chopin quanto dos White Stripes).

A dupla sempre consistiu em apenas Jack White, famoso por tocar em outros projetos, e Meg White, que ainda não se dedicou a bandas paralelas ou carreira solo. E não pensem que eles contratavam um baixista para completar o som. A musicalidade da banda detroitiana sempre foi simples, mas nem por isso ruim. Ora, e daria para esperar algo entediante de um vocalista que canta em falsete e toca guitarras com som bastante distorcido, aliado a uma baterista que toca linhas simples e mesmo assim empolgantes? Os últimos dois álbuns até tinham uma certa adição de outros instrumen-



Reprodução: Capa de *Get Behind Me Satan*, penúltimo álbum da banda

tos, como teclados e trompetes, mas nada que destruísse a tríade elementar dos White Stripes: voz, percussão e guitarra ou piano.

Parte da cena *underground* de Detroit, os White Stripes surgiram em meados da década de 90, quando Jack e Meg se conheceram e casaram. Forçando uma imagem de irmão e irmã para, segundo o guitarrista, manter o foco na música e não na relação entre ele e a baterista; os dois conquistaram o grande público só na virada do milênio, na mesma época de sua separação como cônjuges. O segundo casamento de Jack, datado de 2005, ocorreu em um lugar muito peculiar: uma canoa no meio do Rio Amazonas, em Manaus. A cerimônia foi comandada por um xamã (e abençoada mais tarde por um padre católico).

A dupla alega que cessou suas atividades por “uma miríade de razões...principalmente para preservar o que é bonito e especial sobre a banda”. Talvez seja melhor mesmo terminar desta maneira do que acabar em meio a brigas, disputas, ou até pior, terminar como terminaram os Mamonas Assassinas. Contudo, ainda acredito que o grupo tinha mais para fazer. Mais álbuns para gravar, mais shows para fazer, mais fãs para conquistar.

O fim do duo deixou milhões de Candy Cane Children órfãos. “Candy Cane Children” é o nome de um single lançado por eles em novembro de 2002. Fãs de carteirinha dos White Stripes são conhecidos por esse termo desde então. Se traduzirmos o título ao pé da letra, teremos algo como “crianças da bengala doce”. Soa bizarro, não? Candy Cane é aquele doce em forma de bengala, típico do Natal norte-americano e europeu.

Blog: <http://sinfoniadeideias.wordpress.com/> Twitter: @\_Victor\_Lopes\_